

FRANKENSTEIN (2025)
“Só os monstros brincam de Deus”
Guillermo Del Toro

Adriana Vilela Jacob Francisco²

Agradecimentos à Comissão de Cinema e Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, coordenada pela psicanalista Rachel Lomônaco Beltrame, juntamente com nossos colegas Ana Carolina Cavallini e Daniel Pergher, que são psicanalistas em formação em nosso Instituto. Agradeço aos responsáveis pela Biblioteca Sinhá Junqueira, com quem estamos realizando esta rica parceria, e, especialmente, a vocês, meus agradecimentos, pois vieram nos prestigiar — e é isso que mantém viva esta atividade.

Que tenhamos uma boa conversa!

Desde que soube que nossa conversa seria a respeito deste filme, comecei uma pequena pesquisa, e há muitas curiosidades que, se houver tempo, comentarei ao final da nossa conversa. Mas vou adiantar um tópico. Esta história foi escrita em 1818 por uma jovem inglesa de 18 anos chamada Mary Shelley (2017) — há um filme a esse respeito, chamado Mary Shelley, que atualmente não está disponível nos streamings nacionais. Desde sua publicação, esta história já foi apresentada em centenas de produções artísticas ao longo destes mais de dois séculos — século XIX, XX e início do XXI.

Esta versão a que assistimos, de Guillermo del Toro, de 2025, traz muitas alterações em relação à história original, especialmente no que diz respeito à infância de Victor Frankenstein³. A versão apresenta uma infância marcada por muitos ressentimentos, culpa e perdas - visões persecutórias - o que poderia, de

¹ Trabalho apresentado no dia 28.02.2026 no auditório da Biblioteca Sinha Junqueira – Ribeirão Preto

² Psicanalista de Crianças, Adolescentes e Adultos. Membro Efetivo com Funções Didáticas, Docente no Instituto de Psicanálise, Mestre e Doutora em Saúde Mental pela FMRP-USP e Presidente da SBPRP – gestão 2024-2026.

³ **DR. VICTOR FRANKENSTEIN**

VICTOR (Origem latina) - Aquele que vence – **conquistador**, vencedor. Na roma antiga era uma maneira de se referir aos generais e imperadores após vencerem uma guerra ou conquistas militares. Honorífico Victor... No filme – Viktor queria vencer a morte, triunfar sobre os limites da natureza, conquistar o segredo da vida. **FRANKENSTEIN** (origem germânica) - **Franken** (raiz germânica) – deriva de uma palavra germânica Franken – que do latim significa Francus – associado a ideia do **homem livre**

Stein (germânico) – **Pedra**, Rocha – Simbolicamente podemos pensar em rigidez, matéria inerte, fundamento bruto, frieza, isolamento.

Dr. Victor Frankenstein nos faz pensar no homem que deseja vencer, triunfar com liberdade, sobre a materialidade bruta. Sonha ser o CRIADOR – dar vida a matéria sem vida.

certa maneira, dar sentido à personalidade e às escolhas do Dr. Victor Frankenstein: uma mãe que sofria abandono e abusos, que morre precocemente; uma relação estreita/simbiótica com a mãe e odienta com seu pai; um pai autoritário, hostil e agressivo; um irmão tratado como preferido, com características físicas compatíveis com um modelo estético agradável ao pai... Resulta disso uma infância marcada pelo desamparo e pelo terror — um desastre — elementos nutridores da arrogância e da soberba em um homem narcisista e cruel.

O livro, diferentemente, apresenta um menino nascido em berço de ouro, bem tratado, querido e amado, pertencente a uma família abastada de bens materiais, amor e cuidado. Esse aspecto confere maior inquietação, pois não há, no ambiente externo, nenhum fator que dê sentido ao desenvolvimento da personalidade de Victor. Surge, tanto quanto no filme atual, um homem — um cientista — que se torna grande curioso das ciências naturais, da medicina e da alquimia.

Há um filme chamado Frankenstein de Mary Shelley, de 1994, em que o enredo está muito mais fiel ao original. Vale a pena assistir ou ler o livro.

Nas versões mais relevantes, inclusive nesta que assistimos, partimos de uma situação bem objetiva. Frankenstein está fugindo, perseguido, tentando sobreviver.

Victor está fugindo de quê? Da criatura... de seu passado ... da consciência de si mesmo. Não há como fugir de quem se é e daquilo que se realizou. Quem somos sempre estará presente, aonde quer que formos.

Este conhecimento já estava inscrito no Templo de Apolo, em Delfos, na Grécia Antiga, provavelmente no século IV a.C., na célebre frase “Conhece-te a ti mesmo”, atribuída ao filósofo Sócrates. Sócrates se dedicou a estudar e ampliar essa ideia, um século depois, séc. V a.C.

A ideia de que não há como fugir de quem somos é muito antiga. Encontramos em Virgílio, na Eneida⁴, Livro III, escrita aproximadamente entre os anos 29 e 19 a.C., a seguinte frase:

“Para onde quer que eu vá, a fortuna me acompanha.”
“Quocumque feror, fortuna sequitur.”

O mesmo ocorre em Sêneca, filósofo estoico, um dos mais célebres pensadores do Império Romano, que apresenta em suas cartas escritas entre 63 e 65 d.C. a Lucílio⁵, numa espécie de manual para a vida e a virtude:

⁴ VIRGÍLIO. Eneida. São Paulo: Martin Claret, 2018. Tradução por Manuel Odorico Mendes. Apresentação e notas por Elaine C. Prado dos Santos

⁵ SENECA. Epistulae Morales ad Lucilium, E. 28

SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian.

“Por que te admiras de que as viagens nada te aproveitem, se levas a ti mesmo contigo?”

“Quid miraris nihil tibi peregrinationes prodesse, cum te circumferas?”

“Deves mudar de alma, não de céu.”

“O que precisas é mudar o espírito, não o lugar.”

“Animum debes mutare, non caelum.”

“Os vícios nos seguem.”

“Sequuntur nos vitia.”

“As mesmas coisas te acompanham.”

“Eadem sequuntur.”

Em suma, a ideia é a seguinte: terras e mares são atravessados, mas aquilo que te perturba vai contigo. Não mudas de alma ao mudar de lugar. Os mesmos defeitos te seguem.

“... a fuga não serve de nada, já que o Eu não pode fugir de si mesmo” (Freud, 1915/2010, p.83)

Freud, em 1915⁶, vai estudar e construir sua ideia de como a mente faz para conseguir “escapar do contato com sua realidade interna”, para conseguir sobreviver sem esse contato. Descobre então os mecanismos de defesa, capazes de distanciar o sujeito do acesso à sua verdadeira condição que lhe traz dor e sofrimento.

Quando Freud diz isso, refere-se ao fato de que aquilo que somos fica inscrito em nós, mesmo quando não acessamos esse conteúdo - em nosso inconsciente, em nosso corpo. Muito do que somos não podemos ter consciência pela dor causada, por estar distante de nosso desejo e de nossa ambição narcísica. Precisamos da companhia de uma outra pessoa que colabore conosco neste acesso a nós mesmos. Freud foi desenvolvendo e demonstrando amplamente essa realidade ao longo de sua obra.

No filme, Victor tenta fugir e escapar de seus atos, de sua criação e de suas consequências — e isso se evidencia desde o início, por ele não entrar em contato consigo próprio e com os outros. Não aparecem sinais de empatia, solidariedade ou compaixão. Victor parece não sofrer de dilemas, conflitos, angústias decorrentes do que se passa com ele. Na verdade, ele não entra em contato, a não ser, pela realidade que insiste em se apresentar a ele. Sofre de ódio pela frustração, age sem reflexão movido por seus desejos – Monstro⁷.

⁶ FREUD, S. (1915/2010) – A REPRESSÃO – in.: Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)/ Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Cia das Letras, p. 82-98.

⁷ **MONSTRO** - A raiz da palavra monstro deriva do latim *MONSTRUM* – que significa “sinal divino”, ‘agouro’ ou ‘monstruosidade’. Essa raiz latina conecta-se ao verbo *MONERE* – que significa ‘avisar’, ‘prevenir’, ‘advertir’. Assim – originalmente Monstro significa um sinal dos Deuses, algo antinatural

Em contrapartida, a Criatura — tida como o Monstro pelos fragmentos com que é formada e por sua aparência) — inicialmente apenas reage, é muscular, corpo e força. Contudo desperta a partir do contato com Elisabeth, ainda sem ter condições para refletir. É no contato com o velho cego e sua família, que passa por um processo de dar-se conta de sua condição, sua realidade objetiva e trágica e dos efeitos dela sobre os demais.

Há, portanto, um contraponto nítido na maneira como cada um dos dois personagens principais lida com a dor de ser quem é. Em Victor a monstruosidade é interna, relativa à sua personalidade, e externalizada na criatura, formada por fragmentos e pedaços mortos; já na Criatura a monstruosidade é externa, em certo ponto relativa principalmente à sua história e sua aparência. Há a trágica consciência da Criatura, de que sendo como é, estará condenado à solidão.

*“Pedi eu,
Oh, Criador,
Que do barro
Me fizeste homem?
Pedi para que
Me arrancasses das trevas?”
(John Milton – Paraíso Perdido, X, 743-45)⁸*

Assim, a Criatura, nascida do sonho e da ambição de Victor, em seu desejo de triunfo sobre a morte, personifica seu aspecto monstruoso. Observem que a Criatura não tem nome. Nós nos referimos a ela, desde sempre, como o monstro Frankenstein, mas quem tem esse nome é seu criador: Victor Frankenstein. Guillermo del Toro parece sugerir, na maneira como apresenta a história, que a origem dos males recaídos sobre Victor advém do exterior, da realidade vivida por ele. Assistimos a um Victor que aponta para o exterior como causador de seu mal, sentindo-se perseguido e tentando eliminar o Monstro externo, sem entrar em contato consigo mesmo, como se não houvesse monstruosidade em seu próprio caráter.

A Criatura, que por sua vez, também foi rejeitada, maltratada, agredida desde seu “nascimento” tem um percurso diante da vida distinto. As agressões recebidas diante de sua condição, decorrentes de um Victor frustrado por não ver nela a realização daquilo que ele narcisicamente imaginava – sua imagem e semelhança – sofre tentativas de homicídio e aniquilamento. Apesar disso, fica claro desde o início, que a Criatura tem em si, características de solidariedade, empatia e amorosidade. Ao ser recebida com gentileza e acolhimento por Elisabeth e depois pelo Velho cego, a criatura conhece a literatura e poesia, alimentos para uma condição reflexiva, e pode entrar em contato consigo, ganhando condição para pensar e observar em si o mal com o qual terá que conviver – sua tragédia pessoal.

que denotava um Presságio = mostrando ou demonstrando, revelando uma quebra das leis naturais, passando com o tempo a sinalizar uma anomalia, anormalidade, deformidade.

⁸ Essa é a epígrafe do livro original de Mary Shelley. Tradução de Marcia Xavier de Brito, Carlos Primati; ilustrações de Pedro Franz. – Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.

Se por um lado Frankenstein não tolera o fato de que na vida, tudo é transitório, e ambiciona pela vitória sobre a morte; a Criatura, tragicamente, deseja a morte, mas não pode ser destruída. Nesse confronto inevitável com a realidade, evidenciam-se o vazio, a fragmentação e a diferença entre o poder imaginado e a realidade psíquica.

Em determinado momento do filme, a Criatura cita Ozymândias, um soneto⁹ de Percy Shelley (marido de Mary Shelley), publicado também em 1818. Este poema aborda o destino trágico da imposição do desejo sobre a realidade.

O soneto foi também citado por um criativo psicanalista inglês, já falecido, um grande clínico que ampliou as fronteiras do conhecimento proposto por Freud e Klein, construtores dos pilares que sustentam a psicanálise. Bion utiliza esse soneto em um contexto de reflexão a respeito da arrogância¹⁰ e da ruína psíquica, especialmente ao discutir estados mentais marcados pela ilusão de grandeza e pela recusa dos limites da realidade. Nesse sentido, aborda o colapso dos sistemas mentais estruturados e regidos pela fantasia de onipotência, que não suportam o contato com a realidade ou com a verdade dos fatos, preferindo distanciar-se de si mesmos por meio da pretensão de totalidade e saber absoluto.



Imagem da estátua de Ramsés II
Encontrada no deserto, trazida
para o British Museum of London.

Ozymândias¹

*“Ouvi um viajante de uma antiga terra
dizer:*

*‘Um par de pernas jaz truncado no
deserto.*

*E, perto, a areia enterra os restos de um
semblante estilhaçado que diz, com lábio
e cenho frio de guerra,*

*Como à pedra sem vida se esculpiu tais
paixões vivas na obra que se fez*

Que a mão logrou e o coração nutriu.

E, ao pedestal, palavras há inscritas:

*Meu nome é Ozimândias, rei dos reis,
Curva-se, Ó Grande, ao fausto que oras
fitas!*

*Nada mais resta: sós, ao longe, à margem
da imensa ruína,*

Nuas e infinitas,

As areias compõem toda a paisagem?.

⁹ Shelley, Percy Bisshe, 1792-1822 – Prometeu Desacorrentado e outros poemas/Percy Bysshe Shelley; tradução Adriano Scandolaro. 1ªed., 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 306-7.

¹⁰ Bion, Wilfred Ruppert – Sobre a Arrogância -

ALGUMAS CURIOSIDADES

- Mary Shelley foi casada com um importante poeta inglês – Percy Shelley, aos 16 anos - dois anos após o suicídio da primeira esposa dele.
- Mary Shelley escreveu o livro (seu primeiro) aos 18 anos, em função de um desafio feito entre ela, seu marido e Lord Byron – outro poeta inglês importante. O desafio era: quem deles escreveria o conto mais aterrorizante.
- A necessidade de escrever nasceu de um pesadelo que teve, e que serviu de inspiração: *“Se isso me aterroriza, certamente aterrorizará os outros também”*.
- Mary criou o gênero literário Ficção Científica Gótica e foi a primeira mulher a escrever este tipo de literatura – **Terror**. Na primeira publicação, quem assinou foi seu marido Percy Shelley.
- Mary teve uma rica educação. Era uma mulher muito culta. Conhecia a poesia de John Milton, e conviveu intimamente com os três poetas ingleses que são referência do movimento romântico: John Keats, Lord Byron, Percy Shelley. Conhecia Filosofia, Mitologia Grega e Mitologia Gnóstica, um pouco de alquimia e acompanhava o que estava sendo desenvolvido em termos de ciência da época – o uso da eletricidade para estimular músculos de cadáveres - Galvanismo.
- Mary perdeu sua mãe no seu parto. Era filha de Mary Wollstonecraft, uma filósofa e feminista, que escreveu o primeiro manifesto em que apresentava as mulheres como tão capazes intelectualmente quanto os homens, e reivindicou acesso ao ensino universal. Seu pai, um filósofo inglês William Godwin. Sua mãe, sua madrasta e seu pai eram pessoas da elite intelectual inglesa
- Foram realizados em torno de 30 versões do original, e mais de 100 utilizando o personagem criado pelo Dr. Viktor Frankenstein. São incontáveis o número de produções que nasceram deste livro.
- Título do Livro: Frankenstein, o Prometeu Moderno. – Referências ao Mito de Prometeu, que segundo a mitologia, ficou encarregado pelos Deuses de criar o Homem, e é punido posteriormente por oferecer o fogo à espécie humana, sendo acorrentado no topo do Monte Cáucaso e condenado a ter seu fígado devorado diariamente por um abutre e reconstituído para o dia seguinte.
- No filme a atriz que faz a mãe de Viktor é a mesma que faz Lady Elizabeth – Mia Goth – sugerindo algo edípico, tanto de Victor quanto seu irmão William Frankenstein.